

A presença de haitianos no oeste catarinense: o encontro com a branquitude¹

La presencia de haitianos en el oeste catarinense: el encuentro con la branquitud

The presence of haitians in the west of Santa Catarina: the encounter with whiteness

Claudete Gomes Soares²

Resumo

O objetivo desse artigo é evidenciar os significados atribuídos por estudantes universitários haitianos de uma universidade brasileira às suas experiências no Oeste Catarinense, seja como moradores da cidade de Chapecó e/ou região, seja como estudantes da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul). Trata-se dos resultados de uma pesquisa sobre a integração haitiana no Oeste Catarinense em andamento, financiada pela FAPESC (Chamada pública 07/2015), que tem como objetivo investigar a presença negra, por meio da imigração haitiana, em uma região do país que constrói a sua identidade a partir da afirmação da branquitude, construída no marco de uma origem europeia sempre reivindicada em oposição aos povos racializados: indígenas e caboclos. Será explorado como os estudantes haitianos, a partir de suas experiências, têm significado, percebido e reagido a esse encontro com a branquitude. Os estudantes haitianos em suas narrativas sobre as relações que estabelecem com a cidade e com a universidade percebem e evidenciam relações de poder construídas por meio do sistema de representação racial? A tendência desses estudantes seria enfatizar ou minimizar o impacto do elemento racial como condicionante de suas experiências na cidade de Chapecó e região? Existe a percepção por esses estudantes de que ocupam o lugar de *outsiders* na região Oeste Catarinense? Foram realizadas quinze entrevistas semiestruturadas com estudantes universitários haitianos. Para a análise dos dados coletados, tem-se utilizado os estudos sobre branquitude, as contribuições de Stuart Hall, Frantz Fanon, Norbert Elias e John Scotson, autores que nos possibilitam pensar a relação entre identidades e as estruturas de poder constituídas no marco da experiência colonial e da escravidão.

Palavras-chave: Branquitude; Haitianos; Identidade; Representação racial; Santa Catarina.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo problematizar los significados atribuidos por estudiantes universitarios haitianos de una universidad brasileña a sus experiencias en el Oeste Catarinense, sea como habitantes de la ciudad de Chapecó y / o región, sea como estudiantes de la UFFS (Universidad Federal de la Frontera Sur). Se trata de los resultados de una investigación en curso sobre la integración haitiana en el Oeste Catarinense, financiada por la FAPESC (Llamada pública 07/2015), que tiene como objetivo problematizar la presencia negra, a través de la inmigración haitiana, en una región del país que construye su identidad a partir de la afirmación de la blanquitud, construida en el marco de un origen europeo siempre reivindicado en oposición a los pueblos racializados: indígenas y caboclos. En esa comunicación, exploramos cómo los estudiantes haitianos,

¹ Artigo apresentado no II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

² É doutora em Sociologia (UNICAMP), professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e coordenadora do NEABI- UFFS-CH. É líder do grupo de pesquisa Cultura Política e Diversidade, atuando na linha de pesquisa Política, Gênero e Identidade. E-mail: claudete.soares@uffs.edu.br.

a partir de sus experiencias, tienen significado, percibido y reaccionado a ese encuentro con la blanquitud. ¿Los estudiantes haitianos en sus narrativas sobre las relaciones que establecen con la ciudad y con la universidad perciben y evidencian relaciones de poder construidas a través del sistema de representación racial? ¿La tendencia de estos estudiantes sería enfatizar o minimizar el impacto del elemento racial como estructurante de sus experiencias en la ciudad de Chapecó y región? ¿Existe la percepción por esos estudiantes de que ocupan el lugar de outsiders en la región Oeste catarinense? En el enfrentamiento de ese conjunto de cuestiones se realizaron quince entrevistas semiestructuradas con estudiantes universitarios haitianos. Para el análisis de los datos recogidos, hemos utilizado los estudios sobre blanquitud, las contribuciones de Stuart Hall, Frantz Fanon y Norbert Elias & Scotson, autores que nos posibilitan pensar la relación entre identidades y las estructuras de poder constituidas en el marco de la experiencia colonial y de la esclavitud.

Palabras clave: Blanquitud; Haitianos; Identidad, Representación racial; Santa Catarina

Abstract

This article's aim is to evidence the significance assigned by Haitian college students from a Brazilian university to their experiences in the Catarinense West, either as citizens from Chapecó and/or region, or students from UFFS (Federal University of Fronteira Sul). It's about the results of a research about the ongoing Haitian integration in the Catarinense West, financed by FAPESC (Public Call 07/2015), whose aim is to evidence the black presence, through the Haitian immigration, in a region of the country that builds its identity from the affirmation of whiteness, built on the milestone of an European origin always claimed in opposition to the racialized people: indigenous and mixed-race Brazilian (caboclos). It will be explored how the Haitian students, through their experiences, have been giving meaning, perceiving and reacting to this encounter with whiteness. Do the haitian students, through their narratives about the relations they establish with the city and the university, realize and evidence power relations built through the racial representation system? Would these student's tendency be to emphasize or minimize the impact of the racial element as conditioning of their experiences in Chapecó and region? Is there the perception by these students that they occupy the place of outsiders in the region of the Catarinense West? There have been done fifteen semi-structured interviews with Haitian college students. To the analysis of the collected data, it has been used the whiteness studies, the contributions by Stuart Hall, Frantz Fanon, Norbert Elias and John Scotson, authors who have made possible for us to think the relation between identity and the power structures constituted on the milestone of the colonial experience and slavery.

Keywords: Whiteness; Haitians; Identity; Racial Representation; Santa Catarina.

1. Introdução

Nesse artigo serão apresentados alguns resultados de uma pesquisa em andamento sobre a integração de imigrantes haitianos no Oeste Catarinense, que tem a cidade de Chapecó como principal cidade da região³. Dados sobre o ano de 2014, levantados por Magalhães (2017, p. 192) indicam a cidade de Chapecó como um espaço de referência para se pensar a migração haitiana para o Brasil, pois “é a segunda cidade no Brasil que mais realizou admissões de haitianos no mercado formal de trabalho (CAGED/MTE, 2015), atrás apenas de Curitiba – PR e à frente de cidades como São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belo Horizonte”. Desde

³ Os dados e as discussões apresentados nesse artigo são parte dos resultados do projeto “Negritude e Branquidade: uma análise da integração haitiana no Oeste Catarinense” com apoio financeiro da FAPESC - Fundação de Amparo à pesquisa e inovação do estado de Santa Catarina - Edital de chamada pública FAPESC nº 07/2015. A pesquisa conta com a colaboração das bolsistas Taíse Staudt e Vivian Stefany Ribeiro.

2010, o Brasil tornou-se rota de destino para haitianos e parte significativa desses novos residentes têm se dirigido ao Estado de Santa Catarina.

A pesquisa que vem sendo realizada pelo grupo de pesquisa *Cultura, Política e Diversidade* tem procurado desvendar aspectos socioculturais da relação entre os brasileiros e estrangeiros, tendo em vista seus diferentes pertencimentos raciais e/ou de cor e de nacionalidade. A recepção haitiana no Oeste Catarinense tem sido condicionada pelas características regionais e pelas representações e mitos que cercam o estado de Santa Catarina no contexto da história de formação do Brasil. De acordo com Ilka Boaventura Leite (1996) o imaginário vitorioso em torno do Estado de Santa Catarina o tem afirmado como a “Europa encrustada no Brasil”, fundamentado na assertiva de uma relação distanciada desse estado com a escravidão e, portanto, com a herança africana.

O dinamismo econômico do estado tem sido frequentemente associado à presença de imigrantes europeus: alemães e italianos e poloneses. Mesmo que haja um movimento recente na historiografia brasileira disputando esse imaginário, mostrando o seu caráter ideológico e racialmente marcado, (MAMIGONIAN, 2006; CARDOSO, 2007; LEITE 1996), nas formas de sociabilidade ele continua operando. A percepção que população local produz sobre si, a partir do vínculo seletivo com a Europa, faz com que aqueles que se associam a essa origem se atribuam um maior valor humano (ELIAS e SCOTSON, 2000) em contraposição aos demais grupos presentes na paisagem regional constituídos como outros, *outsiders*: indígenas, caboclos e recentemente os haitianos.

Embora haitianos tenham a suas identidades constituídas por elementos culturais ora distintos ora similares àqueles que permeiam a constituição das identidades brasileiras (HANDERSON, 2010), seus corpos são lidos por meio das categorias binárias e reducionistas repertoriadas na representação das diferenças raciais construídas no marco da experiência colonial, a partir da escravidão dos africanos e seus descendentes, da ideologia da mestiçagem, que ancora a identidade nacional brasileira, da suposta singularidade histórica do Estado de Santa Catarina, como território europeu, e do mito do colono desbravador e trabalhador como ícone do Oeste Catarinense. As análises produzidas por estudantes e pesquisadores ligados ao grupo de pesquisa têm evidenciado como esses elementos têm sido acionados no processo de estereotipagem (HALL, 2016) contra os moradores haitianos, recém-chegados.

A construção desse artigo alimenta-se, portanto, das análises já realizadas, que tematizam a presença haitiana no Oeste Catarinense, principalmente dos trabalhos monográficos realizados por estudantes do curso de Ciências Sociais e História da UFFS ligados ao grupo

de pesquisa (STAUDT, 2018; RIBEIRO, 2018; OLIVEIRA, 2017, ANDREOLA, 2015). Nesse artigo exploraremos as percepções, reações e estratégias de estudantes haitianos, moradores da região Oeste Catarinense às relações de poder inscritas em um regime racializado de representação que se justapõem à condição de imigrante.

O artigo foi construído por meio da seleção de alguns aspectos que surgiram na análise de quinze entrevistas semiestruturadas, além de conversas informais com estudantes haitianos oriundos de diferentes cursos da Universidade Federal da Fronteira Sul, com idade entre 23 e 34 anos, que ingressaram na universidade por meio de um processo seletivo especial, denominado como Pró-Haiti, que está em funcionamento desde 2014 (UFFS, 2013).

Dois elementos são importantes para balizarem as respostas e reações desses estudantes: primeiro, uma constatação rápida por quase todos eles de que as relações de poder racialmente marcadas não existem ou são mínimas no Haiti. As categorias usuais para ressaltar as relações de poder no Haiti, utilizadas por eles, são massa e elite. Foi frequente nas falas dos estudantes a afirmação de que no Haiti “todo mundo é preto”. Dado que será explorado em outro artigo. O segundo é o choque entre o Brasil imaginado desde o Haiti, acionado por meio do mito da mestiçagem, do Brasil festivo (carnaval e futebol), com o Brasil real, que tem no racismo um dos seus elementos estruturantes e mais violentos.

O roteiro de entrevista aplicado na conversa com os estudantes haitianos teve como ponto de partida as percepções que esses estudantes tinham sobre o Brasil desde o Haiti; o processo decisório de vinda para o Brasil; as experiências escolares no Haiti e as experiências escolares no Brasil e questões sobre as experiências com a cidade de Chapecó e com a Universidade Federal. Também foram feitas questões aos estudantes sobre como eles absorveram o fato de que no Brasil as pessoas são chamadas a se auto classificarem por meio de um sistema raça/cor que não encontra correspondência no Haiti. Se finalmente, em nenhum desses temas os estudantes abordam a questão do racismo, há um momento na entrevista em que é feita uma abordagem direta sobre essa problemática.

É preciso considerar que nem sempre os estudantes haitianos se sentiram à vontade diante de uma professora negra da Universidade ou de estudantes brasileiras brancas (assistentes de pesquisa) para revelar as suas experiências. Em uma das entrevistas feitas por umas das assistentes de pesquisa, o entrevistado revela já no começo. “Eu me sinto bem aqui. Tá bom? (...) tem algumas questões que eu não preciso falar, não é importante, que eu não preciso falar, tem algumas coisas que eu não preciso falar, tá bom?” (Entrevistado Oswaldo). Esse é um elemento importante a ser explorado do ponto de vista metodológico. O que pode ser dito ou

não dito, certamente é influenciado por quem faz a pergunta e do tipo de relações estabelecidas.

2. Entre o mito e a realidade: a descoberta do Brasil real

“Meus primeiros momentos e contatos em Chapecó foram meio estranhos. Logo que cheguei, as pessoas ficavam me olhando e me encarando, o que foi bem estranho pra mim. Perguntei para meu amigo: “Qual o problema? Por que isso está acontecendo?” e ele me disse que não tinha problema nenhum, que eles me olhavam porque eu era preta e que eles não eram acostumados com as pessoas pretas. Isso me chocou muito, e eu perguntei: “mas como assim? Não estamos no Brasil?”. (Marie⁴, estudante do curso de Administração da UFFS).

A fala da estudante registrada no trabalho monográfico de Taíse Staudt (2018), construído a partir da história de vida de três imigrantes haitianos com experiências no Oeste Catarinense, é emblemática do choque experimentado por haitianos e haitianas quando chegam no Oeste Catarinense. Um aspecto recorrente nas falas é a avaliação de que a decisão de vir para o Brasil não foi guiada por um desejo alimentado ou em um longo processo de planejamento ou ainda de procura de informações mais aprofundadas que pudessem guiar a decisão. A fala de um dos estudantes entrevistados ecoa na maioria das entrevistas realizadas. “Mas a verdade é que quando eu estava lá no Haiti, eu não sabia nada sobre o Brasil, só o futebol” (Entrevistado Naldo). O futebol é mencionado por todos (eles e elas) como o vínculo virtual mais forte entre o Brasil e o Haiti. Muitos haitianos ou são torcedores do Brasil ou da Argentina. Quando perguntei a um dos estudantes porque o Brasil e a Argentina eram tão populares no Haiti, ele disse “Não sei... acho que por causa das figuras como Pelé, Maradona, e também porque são países da América, né? (Entrevistado Carlos).

Na sequência das ideias que tinham sobre o Brasil vem a associação entre Brasil e carnaval e também ao fato de o Brasil ser um país - como o Haiti - com um passado colonial, marcado pela presença da população e de uma cultura negra. O mesmo sentimento de irmandade, criado pela paixão pelo futebol, pode ser encontrado nas falas de haitianos e haitianas em pesquisas realizadas em outras regiões do país (NOGUEIRA, 2017). Dois dos estudantes entrevistados mencionaram não só essa relação mais frequente como torcedores do Brasil, da

⁴ Com exceção da estudante Marie, que no trabalho de Taíse Staudt (2018) aparece com seu nome real, em razão da metodologia utilizada, todos os demais nomes são fictícios, conforme acertado com os sujeitos da pesquisa no momento da entrevista.

seleção brasileira, mas a formação de vínculos e afetos com as cidades brasileiras mediadas pelo futebol. Quando perguntei para Ricardo como ele se sentia na cidade de Chapecó, ele respondeu que tem orgulho da cidade: “Eu tenho orgulho, mas porque tem o Chapecoense que dá um pouco de...de...como diz? De felicidade, ali, né?”. Um outro estudante contou como o Avaí (Clube de futebol brasileiro com sede na cidade de Florianópolis) se tornou o melhor time para ele. Embora acreditasse, desde o Haiti, que o acesso a um estádio de futebol fosse uma coisa fácil no país do futebol, ao chegar em Florianópolis, cidade que antecede sua vinda para Chapecó, descobriu que não. Porém, o Avaí organizou uma partida com os haitianos e: “marcaram um jogo com nós e joga no, a gente jogou no estádio deles contra eles, daí isso foi muito marcante pra mim.” (Entrevistado Jorge).

Esse elemento emocional, torna o choque com o Brasil real ainda mais perverso, pois não está previamente pressuposto pelos nossos entrevistados que eles vivenciarão situações de marginalização, exclusão, preconceitos, preterimentos e estranhamentos por serem haitianos e por não serem brancos. Em um outro momento da sua história de vida, a estudante Marie, diz que não sabia que existiam brancos no Brasil (STAUDT, 2018). A princípio pode parecer estranho o contato com essa fala, no sentido de nos perguntarmos como alguém não sabe que no Brasil existem brancos? Alguns elementos são necessários para que possamos alcançar a intensidade da fala da estudante. Por que os brancos do Brasil se tornaram invisíveis na percepção que a Marie construiu sobre o Brasil? Por que o racismo se tornou uma realidade não suposta para a maioria dos estudantes entrevistados?

Marie e a maioria dos estudantes e estudantes haitianas entrevistados acessaram o Brasil desde do Haiti não pelo Brasil real, mas pelo seu mito fundador, que tem como seu conteúdo a afirmação do Brasil mestiço, cordial, acolhedor e festivo, o que Marilena Chauí (2007, p. 09) denominou de mito da não-violência e que tem como função “a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”.

A pergunta de Marie, “Mas como assim? Nós não estamos no Brasil?” revela o encontro dela com o Brasil real: suas contradições, complexidades e ambiguidades, vista desse lugar de ser mulher, negra e estrangeira. Não se pode esquecer que até muito recentemente, o mesmo mito fez com que o racismo enquanto estruturante de lugares, de relações, de afetos, fosse invisibilizado pelos brasileiros, mesmo os mais progressistas.

É necessário ressaltar que a fala se refere aos primeiros momentos da estudante na região oeste de Santa Catarina, mas especificamente da cidade de Chapecó, cuja configuração demográfica e cultural não tem correspondência com a ideia de brasilidade construída a partir

do mito do Brasil mestiço. O Brasil que os imigrantes imaginavam encontrar não existe nem como alegoria no Oeste Catarinense: os corpos são majoritariamente brancos e os elementos culturais associados à brasilidade não se fazem presentes. Os dados do perfil de cor do censo do IBGE de 2010 revelam a hegemonia branca na cidade de Chapecó: 76,6% da população é branca; 19,2% parda, 2,6% preta; 0,7%, indígena e 0,5% amarela.

A cultura popular desempenha um papel fundamental no processo de atribuição de significados que é próprio da representação (SILVA, 2011). Na última década o Brasil foi sede de dois grandes eventos internacionais, a Copa do Mundo no ano de 2014 e as Olimpíadas no ano de 2016, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. A manchete da coluna Gazeta do Povo, escrita por Rafael Rodrigues Costa, **“Por que a cultura do Sul ficou de fora do retrato do Brasil na Olimpíada?”**, ao falar da cerimônia de abertura da Olimpíadas, explícita os elementos que estão em jogo nessa espécie de choque que os haitianos e haitianas experimentam quando entram em contato com o Brasil real a partir do Oeste Catarinense. Na coluna é apresentada uma foto de um dos momentos da abertura. No entanto, a seleção da foto por si já diz muito, trata-se da imagem de uma mulher negra, em roupa de carnaval, simbolizando a mulata brasileira. Na legenda, abaixo da foto, questiona-se "Teve samba, carnaval de rua, desfile de blocos carnavalescos, cultura nordestina, mas e o Sul, onde ficou?".

No espaço para comentários, abre-se um debate entre os leitores e as leitoras sobre os motivos das ausências da cultura do Sul e os motivos que fizeram com que outras regiões brasileiras fossem contempladas. Um dos leitores sintetiza: "Sou maranhense e também não vi nenhuma representação direta da região Norte ou Centro-Oeste do país. Contudo, a cerimônia de encerramento buscou passar um sentimento de brasilidade, algo que transcende comportamentos peculiares de cada região, algo com que todo brasileiro se identifique". Outra leitora complementa: "Sou curitibana, descendente de europeus, e me envergonha esse mimimi todo por aqui. Talvez a intenção do espetáculo tenha sido focar um pouco mais naquilo que só existe no Brasil, e não no que tem igual em qualquer país da Europa." O que está em jogo, nos debates expressos pelos comentários, é o próprio significado de brasilidade e sobre a quem ele se refere e sobre quem ele exclui. Embora pouco se fale, ali, a quem ele serve.

Isso reforça o argumento de que os estudantes haitianos e haitianas, em sua maioria jovens, acessam o Brasil e criam expectativas em torno dele a partir dos elementos sempre reforçados presentes na representação de brasilidade, alimentado pelo mito fundador (CHAUÍ, 2007). Nela, o branco está excluído enquanto protagonista, o que torna invisível o seu lugar de

privilégio nas redes e estrutura de poder em uma sociedade de passado colonial. E com isso, promove também o apagamento de uma realidade: a existência de regiões brasileiras cuja composição é majoritariamente branca.

3. O encontro com a branquitude: lidando com Brasil real

“Mas pra mim o professor dizer uma coisa que é bem importante, pro haitiano também tem que saber disso. Eu já aprendi isso lá, quando eu tava estudando, lá no Haiti. Tem que saber quando você vai num país branco, tem que saber que tu vai encontrar isso, entendeu? Tu vai encontrar, mas tem pessoas que têm preconceito, mas têm [pessoas] que não tem, entendeu? Por que? Se você vem aqui Brasil, sabe que Brasil é um país branco, tem que saber que tu vai encontrar pessoas que tem preconceito com, com... Não vou dizer com haitiano. Mesmo quando um americano vem pra cá, mas se ele é negão, se ele é negão vai encontrar preconceito também, não é só haitiano, não é questão que você é haitiano, não é por isso, tem que saber que quando você entra num país branco tu vai encontrar isso” (Entrevistado Oswaldo)

Antes de entrarmos na análise sobre como os estudantes haitianos percebem as relações de poder nas quais estão imersos no Oeste Catarinense, é necessário lembrar alguns aspectos que fizeram com que o Brasil se tornasse destino dos haitianos em busca de melhores oportunidades de vida, em busca de trabalho e de estudo.

Joseph Handerson (2015), em sua tese de doutorado, identificou seis motivos que transformaram o Brasil em destino para os haitianos, no interior de uma intensa história de mobilidade do povo haitiano, provocada por conjunturas diversas. Dos seis motivos apresentados pelo autor, entre os quais está um imaginário de altos salários e que os empresários davam casa e comida para os trabalhadores, destacaremos os três mais associados à problemática apresentada nesse artigo. O primeiro desses motivos seria a posição pública de abertura e hospitalidade do governo brasileiro para com os haitianos e haitianas. Esse aspecto aparece na fala de um dos nossos entrevistados quando se refere ao Brasil como um país amigo dos imigrantes ao lado da Alemanha e em oposição aos Estados Unidos, classificado como uma país que dificulta a entrada e a permanência dos haitianos em seu território. Da mesma forma, outro estudante lembra de haitianos que saíram do Brasil para ir para os EUA e não conseguiram entrar, falando do acerto de sua decisão de ficar no Brasil, quando alguns familiares propuseram que ele fosse para os EUA. O segundo seria o fato de que circulava entre os haitianos que o governo brasileiro estaria incentivando a migração haitiana para o

Brasil em razão da necessidade de mão de obra para preparação da infraestrutura para a Copa do Mundo. E por fim, a propaganda de que o Brasil seria um paraíso racial, diferenciando-se da República Dominicana e do Equador.

No que se refere à pesquisa com os estudantes haitianos, no espaço da Universidade Federal da Fronteira Sul, embora haja entre eles alguns que vieram ao Brasil no contexto descrito por Handerson (2015) em sua tese, é possível identificar uma mudança de perfil a partir dos primeiros ingressantes. As entrevistas nos mostraram que alguns ingressantes na Universidade, pelo Programa de Acesso Pró-Haiti, passaram a divulgar para amigos e familiares (primos, irmãos e irmãs) a possibilidade de virem estudar na cidade de Chapecó. A oportunidade de ingressar na universidade aparece na fala da maioria dos entrevistados como uma oportunidade, como algo diferenciado, mesmo que muitos já tivessem iniciado uma graduação no Haiti e por razões várias, entre elas o próprio terremoto, tivessem que realizar uma mudança de rota e de perspectivas. “No Haiti é muito concorrido para você entrar numa universidade, eu nunca tive chance de ingressar em universidade pública no Haiti. Porque é 100 vagas para 10 mil pessoas.” (Entrevistado Maurício). Outro estudante avalia que há uma centralização das universidades do Haiti na capital Porto-Príncipe, enquanto no Brasil há descentralização, que favoreceria os estudantes brasileiros em comparação com a realidade haitiana.

Voltando à fala que abre essa sessão, temos a constatação de que o que os haitianos e haitianas encontram no Brasil é bastante diferente da forma como eles veem o Brasil desde o Haiti. Oswaldo chega ao ponto de classificar o Brasil como uma “país branco” e a associar as situações de racismo e preconceito vivenciados por negros no Brasil a essa característica. Segundo Handerson (2015), no universo de significados compartilhado por haitianos, o uso *peyi blanc* refere-se a países do Norte Global, países desenvolvidos economicamente, como Estados Unidos, Canadá e França. Os demais estudantes entrevistados não identificam o Brasil como uma país desenvolvido, inclusive chegam a traçar similaridades entre o Brasil e o Haiti enquanto países com história parecidas, problemas e dificuldades semelhantes. Mesmo que reconheçam um agravamento da situação do povo haitiano quando comparado ao povo brasileiro. Na sequência de sua fala Oswaldo evidencia o aspecto central do que significa ser um país branco:

Eu nunca vi isso, na minha vida eu nunca vi isso. Por exemplo, pra ver um americano, negão ou haitiano que diz que “oh, eu não vou falar com branco, eu não vou falar com brasileiro branco porque é mais branco”, não, um negro não vai dizer isso. É branco que tem preconceito. Mas na verdade não é todos, mas Chapecó pra

mim, eu já encontrei isso, eu posso dizer a verdade. Chapecó tem, todo haitiano fala isso, tem. Mas eu acho que tem na outra cidade, tem também. Eu acho que, mas Chapecó tem bastante. Eu aqui não me sinto bem, na verdade. Mas eu posso falar, depois que eu parar meu estudo vou pro Haiti, vou fazer o mestrado e posso voltar pro Haiti pra trabalhar”. (Entrevistado Oswaldo).

Nessa fala, ser um país branco diz respeito a um lugar de conforto e privilégio, no qual os brancos, enquanto grupo, nunca passam pelas situações que pessoas negras oriundas de vários lugares do mundo passam. Posição nominada por alguns pesquisadores como branquitude (WARE, 2004, SCHUCMAN, 2013).

Como Chapecó é uma cidade de maioria branca e é o branco que tem o poder de estigmatizar e estereotipar o seu Outro, o negro e o indígena, a cidade torna-se um lugar desconfortável para os haitianos: a impossibilidade de permanência na cidade é uma constante nas falas. Não só porque, como nos lembra Sayad (1998), a situação de imigrante é marcada pelo provisoriado, mas em razão dos constrangimentos criados por hierarquias justapostas (imigrante X cidadão; negro X branco; estrangeiro X nacional). Essas relações de poder são sentidas no cotidiano e nas formas de sociabilidades e fazem com que não haja uma identificação com a cidade:

Eu percebia as vezes que quando um haitiano tá no ônibus mesmo que tem um lugar perto, bem próximo do haitiano, tem pessoas que preferem ficar sem sentar, porque elas não querem sentar perto do haitiano (...). No restaurante as pessoas, elas querem ficar muito longe dos haitianos. (Entrevistado Eduardo)

Porque ali em Chapecó a gente pode ser, pode dizer que...eu posso dizer naquela época que eu cheguei aqui estava estranho para nós e para a população de Chapecoense também, porque quando, tipo, a gente tá na rua todo mundo [...] olha. (Entrevistado Ricardo)

Ao contrário do propagado pela presidenta Dilma, em sua visita ao Haiti, em 2012, - “Como é da natureza dos brasileiros, estamos abertos a receber cidadãos haitianos que optem por buscar oportunidades no Brasil”⁵ - na percepção dos entrevistados, os moradores locais

⁵ FELLET, João. Dilma diz que haitianos são bem-vindos no Brasil, mas condena ação de coiotes. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/02/120131_haiti_dilma_jf. Acesso em: 14 de dezembro de 2018.

utilizam de vários subterfúgios para marcar a diferença dos haitianos: o olhar de estranhamento, a evitação de contato, o estigma. A relação que os moradores locais estabelecem com os recém-chegados haitianos é uma de relação de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS E SCOTSON, 2002), que tem como fonte de poder a brancura dos corpos e os nomes de famílias. São esses os elementos que promovem um elo virtual dos estabelecidos com uma Europa sempre selecionada e inventada, um Europa política, que existe como ficção. No entanto, “sua natureza ficcional, não diminui sua eficácia discursiva”. (HALL, 2011, p.109). É essa a prerrogativa das relações de poder entre moradores haitianos e moradores locais. Quando se trata da região Oeste Catarinense, o elemento de nacionalidade não parece ter centralidade para ser utilizado contra os moradores haitianos, mas sim o fato de serem, nessa perspectiva, os estrangeiros errados (KOIFMAN, 2012). Os moradores do Oeste Catarinense, que reivindicam uma origem europeia, também têm suas identidades associadas à imigração. Em suas relações com as populações indígenas e com os caboclos não se identificam como brasileiros, uma vez que ser brasileiro é ser marcado pelo estigma da miscigenação, acolhem a identidade de serem de fora, porém superiores aos nativos. Nessa configuração, os “não-puros”, não-europeus, são denominados pelos estabelecidos como brasileiros ou caboclos (RENK, 2014). O mito fundador do Oeste Catarinense tem sua fantasia na pressuposição da “europeidade”, numa tentativa de apagamento de que:

Nossas sociedades [formadas a partir do encontro colonial] são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimado pelo trabalho pesado e pela doença [...] Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. (STUART HALL, 2003, p. 30)

É importante contextualizar que durante a realização das entrevistas a conversa com os estudantes haitianos se iniciava com a pergunta sobre o que eles conheciam do Brasil desde o Haiti, e na sequência o diálogo progride para perguntas sobre como tem sido a experiência do estudante no Brasil. Em algumas entrevistas, já nesse primeiro momento, são reveladas situações que eles identificam como preconceito e racismo. É essa a situação de Carlos, quando eu pergunto sobre o que ele sabia do Brasil, ele dá a resposta sobre os elementos constitutivos da representação hegemônica e nesse momento ele próprio já estabelece o contraponto. “Não achava que o racismo, a discriminação, o preconceito era tão forte, era tão

forte aqui” (Entrevistado Carlos). No caso desse estudante, essa percepção da sociedade brasileira extrapola suas vivências. Quando pergunto a ele, como ele percebeu que o racismo era forte. “Ah é claro, na TV, dá pra contar nos dedos quantos... quantas pessoas têm apresentando jornais, participando nas emissões, e quantas pessoas racistas nas universidades, e... quantas pessoas negras têm poder né... e no país, né?”. (Entrevistado Carlos).

Do ponto vista conceitual, vamos utilizar a abordagem de Ramón Grosfoguel (2012) para pensar o racismo como práticas cotidianas de poder, estruturantes de lugares sociais, mas que, interligado ao sistema capitalista mundial, opera também uma hierarquia ao nível do humano. Ao traçar a genealogia do racismo, Grosfoguel, influenciado por Fanon, situa a origem do racismo em um movimento, presente na Europa do final do século XV, no qual as hierarquias entre grupos eram definidas em termos de povos com religiões e povos com religiões equivocadas. Era esse o estigma criado contra as populações mulçumanas e judias pela monarquia católica na península Ibérica. A negação da humanidade não estava em jogo nesse momento. Contudo, isso “se modifica radicalmente con la conquista de las Américas a partir de 1492 y la caracterización de los indígenas por Colón como «pueblos sin religión»” (GROSFOGUEL, 2012, p. 89). O que significava não ter alma e, portanto, não ser humano no contexto do pensamento cristão hegemônico da época. Para o autor, é essa a genealogia em direção a discriminação racial moderna, que resultou no deslocamento do discurso do racismo religioso para o racismo de cor, com a escravização dos africanos na América. O aspecto mais significativo dessa abordagem é pensar que racismo e modernidade nascem interligados em um processo que leva a subjugação de povos inteiros pelos Estados Europeus.

No contato com as falas registradas, nos deparamos como uma situação que não conseguimos desvendar em todas suas possibilidades e consequências. Apesar de todo esse contexto, local e histórico, percebemos uma tendência por parte de alguns, não poucos estudantes, de negar que estivessem imersos em situações de racismo, ou que eles individualmente pudessem ter passado por situações que definiriam como racistas, em suas experiências no Brasil.

“O racismo existe. (silêncio). Eu ouvi falar, mas isso nunca aconteceu comigo. Eu não gosto de falar de racismo. As vezes o problema é a língua. Tipo, para os haitianos, para os estrangeiros” (Entrevistado Roberto).

“Uhum, é coisa da mente, racismo tem em todo sentido, pessoa pobre, pessoa rico, tem um tipo de racismo, então isso não faz sentido para mim, não me interessa.” (Entrevistado Fernando).

“Na real, quando eu cheguei na universidade, daí eu ouvi bastante coisas como... ah, os alunos não colaboram, tipo, os alunos...ham....não sei, um monte de coisas que até agora que eu não percebo...que eu não vejo, sabe, tipo..” (Entrevistado Jorge).

Essas falas não estão livres de ambiguidades, em outros momentos da conversa esses mesmos estudantes expõem situações que dificilmente poderiam ser explicadas sem que eles admitissem a existência de relações permeadas pelo racismo. Foi feita para todos os estudantes uma pergunta sobre se eles aconselhariam alguém que está vivendo no Haiti, um amigo um familiar a se mudar para Chapecó ou para as cidades vizinhas, a resposta via de regra é a mesma de Roberto: “Depende do motivo pelo qual a pessoa queria entrar, queria mudar pra Chapecó, tipo, se fosse pra estudar seria bom, mas por outro motivo, pra mim, não seria bom.” Quando Fernando diz que racismo é coisa da mente, eu sigo a conversa indagando se algum haitiano não havia relatado a ele alguma situação, uma percepção, ao que ele me responde:

Fernando: Não, só a integração no mercado de trabalho, só isso, mais...

C: Hm, e por que que você acha que os haitianos têm dificuldade de se integrar no mercado de trabalho?

Fernando: Não sei (risos), não sei porque.

Nas entrevistas, o que é mais fortemente apontado como um lugar de poder dos moradores locais é o fato de que existe a reserva de um tipo de trabalho para os haitianos e haitianas no setor de agroindústria, caracterizado pela baixa necessidade de qualificação e por ser um trabalho pesado e exaustivo o que corresponde à realidade retratada por Magalhães (2017). Nas falas, é, sobretudo, esse fato que torna um projeto de permanência inviável, uma vez que não vislumbram a possibilidade de outras formas de atividade na cidade, mesmo de posse de um diploma emitido por uma universidade brasileira. Por isso, insistem que não aconselhariam alguém do Haiti a se mudar para Chapecó para trabalhar, apenas se a pessoa viesse para estudar. É nesse sentido que existe uma movimentação de primos, irmãos e irmãs que se encontram em Chapecó com o objetivo de ingressar na universidade, por meio do programa especial de ingresso para haitianos e haitianas.

Ainda mais significativa dessas ambiguidades é a forma como Jorge se situa nessas relações. Jorge é um dos estudantes com mais de dois anos no Brasil e com bastante fluência no português. Em sua fala me diz que ouviu dos seus colegas relatos sobre situações de racismo, mas ele mesmo não havia vivenciado. Quando eu lhe pergunto o que ele faria se vivenciasse ele me surpreende, mostrando como tem noção de que a realidade é mediada por

relações de poder com base na raça, embora seja possível identificar alguma hesitação ao falar desse tema:

Jorge: É, mas é difícil pra mim...tipo! Como que eu falo que é difícil, assim.. eu....quando eu cheguei aqui, comecei a ... eu aprendi sobre a cidade que estou morando. Eu... sei no mínimo, no mínimo o que eu posso fazer e no mínimo o que eu não posso. Tipo, onde que eu posso ir, onde que eu não posso! Hãmm...

C: E onde que você não pode ir?

Jorge: Tipo, por exemplo: Hãmm, vai no..... como que é!? Eu vou numa festa sozinho quase, numa balada, numa coisa assim.. sozinho eu acho que eu não posso, chegando sozinho já é um, uma coisa sabe!... Por exemplo é...eu acho que é sujeito a vítima, entendeu? pra mim... E por exemplo...vou dizer, como é que posso dizer isso!...é..... tem lugares, casas ou co...que, que não.... bom!.... deixa eu ficar na festa! Tem festas que não. Tem festas que eu não vou, entendeu?

C: Mesmo sendo da universidade?

Jorge: É, tem festas que eu não vou!

A pergunta que fica é porque Jorge, Roberto e Fernando, assumem uma posição de minimização do racismo em suas falas em um primeiro momento? E outros estudantes parecem bastantes desconfortáveis em tornar esse tema visível? Não que eles neguem o racismo, mas apresentam uma resistência em falar sobre: “eu não gosto de falar”; “eu não vejo”, “não me interessa.”. É Abdelmalek Sayad que dá uma pista de como um trabalho que aborda a imigração haitiana no Oeste Catarinense pode afetar esses estudantes, pois, faz com que eles e elas se sintam mais uma vez - considerando a configuração de poder hegemônica na cidade - “homens [e mulheres] de outro lugar, para o qual deverão voltar mais cedo ou mais tarde” (SAYAD, 1998, p.62). Segundo o autor, as pesquisas em torno da imigração e dos imigrantes acabam por legitimá-los como um problema, uma vez que as problemáticas de pesquisa são imposições prévias, inscritas na insígnia de problemas sociais: a integração, o racismo, o desemprego, a escola das crianças, o imigrante e o retorno para sua terra, o imigrante e a velhice. Pode ser que esses estudantes se recusem, de alguma forma, a serem vistos a partir desse lugar “de problema”. A posição deles também nos remete a Fanon (2008) quando revela o olhar fixador: “Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu” (FANON, 2008, p. 103). Nesse sentido, não falar

sobre o racismo, pode significar também uma revolta contra a fixação, não capitular sobre ser negro na perspectiva definida pelo olhar do branco e continuar sendo simplesmente um homem, que é o significado para negro no Haiti.

Embora as experiências aqui analisadas tenham como *locus* o Oeste Catarinense e tenha-se durante o percurso expositivo enfatizado as configurações regionais, parte-se do pressuposto de que as hierarquias estabelecidas entre brancos e não brancos extrapolam fronteiras regionais e nacionais, mesmo que ganhem formas e expressões específicas em razão desses contextos. Isso faz com que a mobilidade haitiana no Norte Global ou no Sul Global seja acompanhada de relações de poder significadas no contexto da experiência colonial. Nesse sentido, cabe um esforço de avançar essa análise na direção de identificar a partir do levantamento de pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil (BARROS, 2017; NOGUEIRA, 2017) e no Norte Global (JOSEPH, 2015) como esses sujeitos percebem suas experiências nessas diferentes configurações e como eles têm reagido a elas.

Referências bibliográficas

ANDREOLA, Neuri José. *Os brasileiros e os estrangeiros: as relações de sociabilidade entre o grupo de brancos e o grupo de negros “em um bairro de Chapecó”*. Chapecó, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Universidade Federal da Fronteira Sul.

BARROS, Carolyne Reis. *Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência*. São Paulo, 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2017.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *Em busca de um fantasma: as populações de origem africana em Desterro, Florianópolis, de 1860 a 1888. Padê: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos*. UniCEUB, FACJS, vol.2 n.1, 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil Mito Fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

COSTA, Rafael Rodrigues. “Por que a cultura do Sul ficou de fora do retrato do Brasil na Olimpíada?”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/g-ideias/por-que-a-cultura-do-sul-ficou-de-fora-do-retrato-do-brasil-na-olimpiada-39kp1nc56n98jnyropdhpxqw/>. Acessado em: 10 de junho de 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar 2000.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FELLET, João. Dilma diz que haitianos são bem-vindos no Brasil, mas condena ação de coiotes. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/02/120131_haiti_dilma_jf. Acesso em: 14 de dezembro de 2018.

GROSFOGUEL, Ramón. El concepto de «racismo» en Michel Foucault y Frantz Fanon: ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser? *Tabula Rasa*, nº.16, 79-102, enero-junio 2012.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: _____. Da Diáspora: *Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2011.

HANDERSON, Joseph. *Diáspora*. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2015.

HANDERSON, Joseph. *Vodu no Haiti, Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano*. Pelotas, 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

JOSEPH. Rose-Myrliel. L'articulation des rapports sociaux de sexe, de classe et de race dans la migration et le travail des femmes haitiennes. Tese (Doutorado em Sociologia) 2015. Université de Lausanne, Paris, 2015.

KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal: O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio (Edição para Kindle), 2012.

LEITE, Ilka B. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade e segregação In: LEITE, I. B. (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires Magalhães. *A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti, 2017*. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1850) In: Seminário Internacional “Nas Rotas do Império: Eixos Mercantis, Tráfico de Escravos, Relações Sociais no Mundo Português”. Universidade Federal do Rio de Janeiro, junho, 2006.

NOGUEIRA, Fabiana Bezerra. *Dèyè mòn, gen mòn: Imigração Haitiana no Brasil – Relatos do Vivido*. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Eliziane Tamanho de. *Branquitude e poder nas relações entre moradores locais e imigrantes haitianos: falando de raça no oeste catarinense*. Chapecó, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

RENK, Arlene. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. *Cadernos do CEOM*, ano 19, n.23, 2014.

RIBEIRO, Vivian Stefany. *A interação haitiana em Concórdia*. Chapecó, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um Imigrante? In:_____. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp,1998.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*. Annablume: São Paulo: 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Claudete Gomes; ANDREOLA, Neuri. Branquitude e representações sobre imigrantes haitianos no oeste catarinense. *Temáticas*, v.2, n.49/50, p.85-114, fev/dez, 2017.

STAUDT, Taíse. "*Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil*". Chapecó, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Institui o Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos -PROHAITI e dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa. Resolução n.32/2013. Chapeco, 12 de dezembro de 2013.

WARE, Vron (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Editora Garamond: Rio de Janeiro, 2004.